

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## EXPRESSÕES ANTIDEMOCRÁTICAS DA EXTREMA-DIREITA NA CONJUNTURA BRASILEIRA ATUAL: NEONAZISMO, NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO E ANTISSEMITISMO.

(Helena Ragusa Granado

UEM<sup>1</sup>)

O trabalho em questão é parte de um estudo maior, o qual vem sendo desenvolvido e que, surgiu à medida em que a pesquisa avançava, mas principalmente quando os efeitos preocupantes oriundos da esfera política brasileira atual se fizeram sentir. Fruto da extrema-direita, a corrente que nega o Holocausto e que surgiu logo após 1945 não restringiu-se apenas ao âmbito europeu. No Brasil, ela chega na década de 1980, no entanto, a apropriação de elementos que remetam ao regime nazista cada vez mais frequente e de alcance perigoso, vem, corroborando para um aumento expressivo no número de neonazistas e, por conseguinte, para o aumento do antissemitismo no país. A banalização, normalização e a negação da *Shoah* tornou-se uma constante na ação e na fala daqueles que atuam inclusive, no mais alto escalão do nosso setor político, apoiados numa crescente tendência negacionista e revisionista incorporada pelos novos porta-vozes da história. Deste modo, refletimos aqui a partir da categoria de análise adotada por Bodo Von Borries (2018) de *passado difícil* e em que sentido nosso passado se conecta a ela?

Palavras-Chave: Negacionismo, revisionismo, Antissemitismo

Bodo Von Borries, em seu estudo acerca das “histórias difíceis”, compreende a apreensão da História sob três condições: “se novas perspectivas podem ser ligadas com as antigas, se ela estiver conectada a emoções – negativas ou positivas – e se é relevante na vida” (BORRIES, 2018, p. 33).

A *Shoah*, este “crime imprescritível”, é um exemplo claro daquilo que denominou-se de uma “história difícil”, contudo relevante para a vida, ainda que não tenham sido encontradas narrativas históricas capazes de promover um sentido para este evento, “um buraco na História” (RÜSEN, 2001). Tentar tirar algo de positivo ou capaz de transformar futuras gerações é um contrapeso que, de acordo com Michael Bess (2006), não existe.

---

<sup>1</sup>Email:helenaragusa@yahoo.com.br

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sobre a sensação de que é preciso falar de “crimes de natureza política”, como é o caso do extermínio judaico e de outros grupos nos campos de concentração nazista, Henry Rousso explica que esses pertencem a um regime de “historicidade singular” (ROUSSO, 2016, p. 221).

Ao mesmo tempo, a complexidade em lidar com esse “passado que não passa” em termos de pesquisa histórica não estaria relacionado apenas ao horror em si, afinal “o relato de horror é um claro imperativo histórico”. No entanto, analisar, investigar, interpretar, escrever sobre os “traumas coletivos” só se torna uma “história possível” desde que o historiador encontre o “equilíbrio”, uma vez que não existe uma fórmula (FRIEDLÄNDER, 2005, p. 65). Sem este cuidado, esta forma de tratamento, incorreríamos na “saturação”<sup>2</sup>, a exemplo da “*Shoah*, a qual nenhuma memória foi mais objeto de vigilância contra os defensores do negacionismo, mas também nenhuma memória foi mais museificada, sacralizada, judicializada, ao mesmo tempo banalizada” (ROBIN, 2016, p. 20-21).

Encarar os fardos pesados da história (RÜSEN, 2009) é também “conciliar-se” com ela, vencer a vergonha, este sentimento “forte e desagradável”, que, para algumas gerações, como aquela do contexto alemão pós 1945, se fazia sentir (BORRIES, 2018, p. 35).

A não reconciliação com um *passado difícil* implica em consequências perigosas, muitas das quais neste ritmo imposto pela aceleração midiática do tempo tem se alastrado rapidamente. Uma delas seria o neonazismo; outra, a negação da *Shoah* no contexto político e social brasileiro, uma tendência que surgiu na Europa ainda na década de 1940 – conforme nos situa Deborah Lipstadt (2016), pioneira na luta contra a negação do Holocausto – e que, desde a década de 1980, vem sendo debatida por historiadores que buscam explicá-la como uma forma de antissemitismo, um mito político, teoria da conspiração e outros ainda que a veem como um “amálgama ideológico da extrema-direita contemporânea” (CASTRO, 2014, p. 7).

---

<sup>2</sup> Saturação segundo Régine Robin, “por uma indiferença ao passado, por uma equiparação de ‘demônios’ nazista e comunista, por uma indistinção dos acontecimentos, uma ausência de escolha, de hierarquia dos males”; Saturação “por uma oscilação na compreensão da *Shoah*” e por último saturação dos “fantasmas de tudo guardar que acompanham nossa imersão no mundo virtual” (ROBIN, 2016, p. 22).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No Brasil, a questão da *Shoah* é algo que merece atenção. Faz parte do passado judaico, o qual, por sua vez, se cruza com o nosso; no entanto, assim como outros *passados difíceis*<sup>3</sup> de nossa história, ela entra para a lista das “comunidades de memória” empenhadas em apagar, distorcer, amenizar, subverter e obliterar a memória.

Assim como um espelho, quase tudo que ocorre no âmbito europeu reflete automaticamente no resto do mundo, e o Brasil não fica de fora. Referimo-nos aqui ao ressurgimento do antissemitismo contemporâneo, o qual vem chamando a atenção de estudiosos, pesquisadores e autoridades de diversas partes do mundo, atentos sobretudo às políticas engendradas por alguns setores da sociedade e que vêm contribuindo para a ampliação dos discursos de ódio e racismo, elementos centrais do antissemitismo.

Ao final de 2019, chamou a atenção a absolvição de dois jovens do Estado de Santa Catarina presos no ano de 2014 por colarem e espalharem cartazes em sua cidade com o símbolo da suástica e assinados por uma entidade chamada *White Front*.

Mesmo tendo sido denunciados pelo Ministério Público do Estado (MP) por crime de preconceito de raça por associação ao nazismo, o juiz teria entendido não haver indícios de que os réus estariam incitando o nazismo (G1 SC, 2019), argumento esse mantido mesmo após um dos acusados usar de sua rede social para divulgar uma foto com uma suástica.

**Figura 1:** “Frente Branca” homenageia aniversário de Hitler em Santa Catarina

---

<sup>3</sup> Refiro-me aqui ao passado escravista, à questão indígena, ao regime ditatorial da década de 1960 e ao comunismo, o qual perpetua-se como uma ameaça constante, torna-se terreno fértil para que fenômenos como o negacionismo sejam acolhidos, compartilhados e vivenciados.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: DIÁRIO CATARINENSE (2014, p. 1).

Recentemente um brasileiro de origem judaica, de 57 anos, habitante do interior de São Paulo, foi espancado por 3 agressores:

Durante a surra, os homens gritaram ofensas antissemitas. Quando a vítima agonizava no chão, os criminosos tomaram-lhe a quipá e rasgaram-na com um canivete. O homem, um representante comercial, caminhava sozinho em direção à rodoviária de Jaguariúna, quando foi chamado de “judeuzinho verme”, cercado e atacado (CONIB, 2020).

Não é comum a ocorrência de agressões físicas a judeus no Brasil, mas certamente elas ocorrem. As denúncias de apologia ao nazismo ou manifestações antissemitas em diferentes Estados brasileiros<sup>4</sup> tem aumentado consideravelmente da última década para cá e os casos que pareciam isolados, pela frequência e o modo como estão imbricados, levam a um novo cenário, como esse que há pouco demonstrei.

Na esfera virtual, os índices de ataques crescem vertiginosamente no país. O aumento de crimes desse tipo nos últimos anos vem chamando a atenção das equipes especiais das polícias civis de alguns estados brasileiros que monitoram todo e qualquer conteúdo de cunho intolerante na internet e que são classificados como crime de ódio.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Tais como os recorrentes casos de pichações ou cartazes pregados em casas, bares, escolas, universidades e postes de iluminação pública contendo símbolos da suástica, dizeres com saudações a Hitler e ofensas que aludem à linguagem usada pela propaganda nazista na Alemanha hitlerista.

<sup>5</sup> Num levantamento feito pela ONG *Words Heal the World*, 33 crimes de ódio foram registrados no ano de 2018 no Brasil, destes o racismo lidera as ocorrências. Os dados podem ser conferidos no *site* da ONG (BUARQUE; CRETTON, 2019).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Desde o início do ano 2000, a antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias vem monitorando o nazismo na Internet. No começo, suas análises se davam em *sites* individuais com tendências neonazistas no país, mas agora, avançando na investigação, a pesquisadora busca abranger os fóruns coletivos e observa, dentre outras, uma *postagem antissemita a cada quatro segundos; uma postagem racista contra negros, pessoas com deficiência e LGBTs a cada 8 segundos* (SUGIMOTO, 2018, p. 1).

Em termos de alcance, percebemos num outro trabalho que a negação da *Shoah* no Brasil ficou mais evidente no ano de 2018<sup>6</sup>. Desde 2007, alguns países da União Europeia aderiram à lei que criminaliza a negação do Holocausto (ONU, 2007), dentre eles a Alemanha, onde inclusive também criminaliza-se a exibição de símbolos nazistas e a saudação nazista ao ditador Adolf Hitler (“Heil Hitler”).

No Brasil, o antissemitismo é considerado como racismo de acordo com a Lei nº 7716/89, e sobre esta, o artigo 20, §1º, deixa claro que “fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo” é crime, sob pena de reclusão que pode variar de dois a cinco anos e multa.

Para além deste consenso de que a *Shoah* e o Holocausto<sup>7</sup>, quase três quartos de século depois, são uma “história viva”, elencamos alguns marcos de nossa história política, os quais certamente não deixam dúvidas quanto aos passados que se cruzam, são eles: a entrega de Olga Benário à Alemanha de Hitler pelo então presidente Getúlio Vargas, no ano de 1937; a própria participação do país na guerra ao lado dos aliados; a entrada dos judeus – grande parte de origem alemã – no Brasil, fugindo das perseguições nazistas e dos campos da morte; aos nazistas que para cá vieram e o mais recente marco, a criação do museu do Holocausto no ano de 2011, na cidade de Curitiba, o primeiro do país, do qual falaremos mais adiante.

### 1.3 Ecos de uma política nociva: como começam onde terminam

---

<sup>6</sup> Sobre esse ver em *A negação na era da Web 2.0: a Shoah em cena*. Disponível em: <https://npd.uem.br/eventos/ev/IXCIH>. Acesso em: 15/03/2019.

<sup>7</sup> Não concebo a *Shoah* e o Holocausto como sinônimos; no entanto, reconheço o genocídio perpetrado pelos nazistas contra ciganos e poloneses.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“A História é filha do seu tempo”, já dizia o historiador francês Lucien Febvre, e “o questionamento que orienta a nossa exploração do passado modifica-se segundo as épocas, as gerações, as transformações da sociedade e os percursos da memória coletiva” (TRAVERSO, 2012, p. 156-157).

Em um país como o nosso, em que o racismo ainda se apresenta como um desafio, o indígena é compreendido como “indolente” e “preguiçoso”<sup>8</sup>, os delitos graves cometidos pela ditadura são colocados em dúvida, o comunismo perpetua-se como uma ameaça constante, torna-se terreno fértil para que fenômenos como o negacionismo sejam acolhidos, compartilhados e vivenciados.

Desde que surgiu e à medida que avança, a Internet tem se mostrado um campo fértil, um “laboratório” para aqueles que buscam observar o comportamento político de alguns atores individuais e coletivos e a recém-eleição do capitão reformado Jair Messias Bolsonaro (PSL) à presidência do Brasil, como o 38º presidente desde a proclamação da República, é um bom exemplo para analisarmos.

Dentre as “técnicas de persuasão na propaganda eleitoral” do presidente atual, duas ao menos merecem destaque: o percurso da construção mercadológica que o levou ao poder e o *slogan* criado e usado para imprimir a “imagem de marca” que levou o candidato à simpatia popular, qual seja, “Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos”.

A ascensão do ex-deputado federal (1991-2019) à presidência chama a atenção no sentido de privilegiar, dentre outros, a volta dos militares ao centro do poder e ascensão de uma “nova direita” encabeçada por ministros os quais não escondem em seus pronunciamentos a defesa do conservadorismo nos costumes da “família brasileira”.

Disfarçado de democrático, mas dono de pronunciamentos polêmicos, muitos deles, quando ainda ocupava o cargo de deputado federal, Bolsonaro teve sua campanha marcada “por elogios corriqueiros aos torturadores brasileiros, e por ameaças de trancafiar oponentes políticos em campos de concentração” (TEIXEIRA DA SILVA, 2019, p. 309).

---

<sup>8</sup> Declaração presente no discurso recente proferido pelo então vice-presidente, General Antonio Hamilton Mourão (PRTB), mais conhecido como General Mourão, ao participar, em Caxias do Sul, do primeiro evento público após ser anunciado na chapa presidencial no dia 06/08/2018 (PODER360, 2018).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A linguagem violenta e totalitária, bem observada por Francisco Carlos Teixeira da Silva (2019), revela a “carga explosiva de violência” permanente no “cotidiano de uma ‘revisão/negação’ constante da história” e que, enquanto “testemunha ocular da história”, percebo um agravamento da mesma (TEIXEIRA DA SILVA, 2019, p. 310).

Por mais de uma vez, o uso de analogias e usos de termos que remontam à *Shoah* – como esse que citamos há pouco – ou à política nazista estiveram e têm estado presentes nos discursos e declarações feitos não somente pelo então presidente, mas também pelos que no seu governo atuam ou até pouco tempo atuavam, como é o caso do ex-ministro da educação, Abraham Weintraub<sup>9</sup>, e o ex-secretário da Cultura, Roberto Alvim<sup>10</sup>.

Tudo começou após um relato feito pelo então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, num encontro com membros da Igreja evangélica do Rio de Janeiro sobre sua viagem a Israel em abril de 2019 em visita ao museu *Yad Vashem*<sup>11</sup>, em que sugeriu que, ainda que não deva ser esquecido, o Holocausto poderia ser perdoado.<sup>12</sup> No mesmo ano, Abraham Weintraub, ex-ministro da educação, fez uso do nazismo para caracterizar o discurso proferido por uma filósofa, professora da Universidade de São Paulo, relacionando-o ao “discurso do terceiro Reich” (CAETANO, 2019, p. 1); no ano seguinte, por mais de uma vez, por meio de uma de suas redes sociais, Weintraub intensificou as comparações entre o período do Holocausto com o atual cenário político do país:

## **Figura 1:** Mensagem de Abraham Weintraub no *Twitter*

---

<sup>9</sup> Exonerado, conforme Diário Oficial, em junho de 2020, o ex-ministro foi na época acusado de disseminar *fake news* e ameaças a ministros da corte (BRASIL, 2020a).

<sup>10</sup> Nome artístico de Roberto Rêgo Pinheiro, foi exonerado do cargo em 17/01/2020, conforme publicação em Diário oficial por associação ao nazismo (BRASIL, 2020b).

<sup>11</sup> Principal centro de recordação e educação do Holocausto de Israel (YAD VASHEM, 2020).

<sup>12</sup> Na época, a repercussão se deu tanto na esfera nacional como internacional e provocou as mais diversas reações, impactando inclusive na agenda política presidencial como o cancelamento de uma viagem que aconteceria, onde o presidente seria homenageado pela Câmara de Comércio Brasil-EUA. Ao que parece, os locais escolhidos pela organização para a cerimônia se recusaram a receber o evento (G1 BRASÍLIA, 2019).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Weintraub (2020).

**Figura 2:** Mensagem de Abraham Weintraub no Twitter



Fonte: Weintraub (2020).

Na primeira postagem feita em sua rede social, o ex-ministro comparava a ação da Polícia Federal na investigação da *Fake News* com a Noite dos Cristais e ainda conclui sua manifestação com a expressão alemã “*sieg heil*” (“viva a vitória”), frequentemente usada pelos nazistas alemães. A analogia rapidamente repercutiu dentro e fora do Brasil. Aqui, instituições como a Conib (Confederação Israelita do Brasil) condenou a comparação:

**Figura 3:** Mensagem da Conib sobre fala de Weintraub

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Poder360 (2020b).

Também houve reação por parte do Instituto Brasil-Israel, do cônsul-geral de Israel em São Paulo, Alon Lavi (SARDINHA, 2020, p. 1) e do Museu do Holocausto de Curitiba.

Na segunda postagem não foi diferente. Além das Organizações e Associações judaicas tanto brasileiras como do exterior, o cônsul de Israel em São Paulo e também da embaixada de Israel repudiaram a analogia feita pelo ex-ministro, comparando o cenário político brasileiro com o Holocausto por meio do uso da imagem que refere-se à fotografia mais conhecida como a “Menino judeu se rende em Varsóvia”<sup>13</sup> de 1943 (O ESTADO DE S.PAULO, 2020).

O pronunciamento realizado pelo ex-Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, em janeiro de 2020, para divulgar o Prêmio Nacional das Artes (PODER360, 2020a) também integra a lista daqueles que vêm causando forte impacto midiático, principalmente nas redes sociais.

Com o objetivo de falar sobre arte e nacionalismo, o vídeo apresenta uma série de elementos, os quais dão indícios de que o discurso foi plagiado do ex-ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels (1897-1945)<sup>14</sup>. Claramente caricaturizado, Alvim parafraseou Goebbels, enquanto ao fundo tocava o compositor favorito de Adolf Hitler,

<sup>13</sup> De autor desconhecido, a fotografia foi considerada pela Revista Time “como uma das imagens mais influentes de todos os tempos” (TIME, 1943, p. 1).

<sup>14</sup> No vídeo, é possível perceber, pelo cabelo, o traje e os gestos de Alvim, uma clara simpatia pelo então ex-ministro alemão nazista.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma ópera composta por Richard Wagner. A Cruz de Caravaca à direita do vídeo também remete à Cruz de Lorena, na França, devido à semelhança, muito embora pertençam a diferentes contextos.

**Figura 2:** Comparação de Roberto Alvim e Joseph Goebbels



Fonte: Jornalistas Livres (2020).

Embora tenha dito que o ocorrido não passara de “mera coincidência”, o modo explícito como escancara a política vigente no Brasil acabou colocando um fim no cargo até então ocupado.

Contudo, a exoneração de Alvim parece ter sido apenas uma resposta enérgica do governo aos diversos setores – judaicos e também não judaicos – da sociedade, que, principalmente por meio das redes sociais, demonstraram sua indignação.

Inúmeros e repetidos exemplos, me impelem, a partir da leitura deste texto em particular, invocar esse passado, qual seja, o do assassinato em massa de milhões de judeus na Alemanha nazista, algo claramente não superado e assim como em alguns países da Europa e nos Estados Unidos da América – “o nazismo, com certeza, não se esgotou no Holocausto” (CARNEIRO, 2002, p. 7). A aproximação com o totalitarismo do governo atual está presente. E é esse mesmo presente, conforme nos atenta Michael

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Oakeshott, que, em um entendimento prático, evoca o futuro e sobre este, neste caso em específico, também evoca o medo (OAKESHOTT, 2003, p. 59).

A banalização, normalização e a negação de eventos históricos amplamente comprovados como a *Shoah* na política brasileira atual tornou-se uma constante. Velada ou escancarada, a apropriação de elementos que remetam ao regime nazista vem, dentre outras, corroborando para um aumento cada vez mais expressivo no número de neonazistas<sup>15</sup> e, por conseguinte, para o aumento do antissemitismo no país.

## Referências bibliográficas

BESS, Michael. *Choices under the fire: moral dimensions of World War II*. New York: A. a. Knopf, 2006.

BORRIES, Bodo Von. *Jovens e consciência Histórica*. Organização e tradução de Maria. Auxiliadora Schmidt, Marcelo Fronza e Lucas Pydd Nechi. Curitiba: W.A. Editores, 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 4699/2012*. Brasília, 12 nov. 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=559424>. Acesso em: 06 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto de 20 de junho de 2020*. Brasília: DOU, 20 jun. 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-de-20-de-junho-de-2020-262491716>. Acesso: 31 out. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Decreto de 17 de janeiro de 2020*.

Brasília: DOU, 17 jan. 2020b. Disponível em: <https://asmetro.org.br/portalsn/wp-content/uploads/2020/01/DECRETO-DE-17-DE-JANEIRO-DE-2020-DECRETO-DE-17-DE-JANEIRO-DE-2020-DOU-Imprensa-Nacional.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2020.

---

<sup>15</sup> Sobre essa questão, ver o estudo realizado por Adriana Abreu Magalhães Dias (2007), intitulado *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*, onde a autora realiza um estudo etnográfico do racismo, do revisionismo e do neonazismo na Internet.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BUARQUE; Beatriz; CRETTON, Marcio. Mapa do ódio no Brasil. Percepções e recomendações para políticas públicas. *Words Heal the World*. Manchester, 2019. Disponível em: <https://www.wordshealtheworld.com/wp-content/uploads/2019/10/HATE-MAP-IN-PORTUGUESE.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2020.

CAETANO, Guilherme. Weintraub relaciona filósofa de esquerda ao nazismo e faz críticas a FHC. *O Globo*. Rio de Janeiro, 12 out. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/weintraub-relaciona-filosofa-de-esquerda-ao-nazismo-faz-criticas-fhc-1-24015112>. Acesso em: 01 nov. 2020.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. O negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 22, n. 2, p. 5-12, jul./dez. 2014.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto*. Crime Contra a Humanidade. São Paulo: Ática, 2002 (Coleção Série História em Movimento).

FRIEDLÄNDER, Saul. A Wehrmacht, a Sociedade Alemã e o Conhecimento do Extermínio em Massa dos Judeus. In: BARTOV, Omer; GROSSMANN, Anita; NOLAN, Mary (org.). *Crimes de guerra: culpa e negação no século XX*. Rio de Janeiro: Difel, 2005. p. 53-66.

G1 BRASÍLIA. *Prefeito de Nova York comemora com ironia cancelamento de viagem de Bolsonaro*. Brasília, 4 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/04/prefeito-de-nova-york-comemora-com-ironia-cancelamento-de-viagem-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso: 01 dez. 2019.

GRANADO, Helena Ragusa. A negação na era da Web 2.0: a Shoah em cena. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA “História da América em debate: fronteiras, ensino e ecologia. 9., Maringá: EDUEM, 2019. p. 2182-2190.

LIPSTADT, Deborah E. *Denying the Holocaust*. The Growing Assault on Truth and Memory. New York: Plume, 2016.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O ESTADO DE S.PAULO. Após repúdio de Israel, Weintraub volta a citar nazismo: “Tenho direito de falar do Holocausto”. São Paulo, 29 maio 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-repudio-de-israel-weintraub-volta-a-citar-nazismo-tenho-direito-de-falar-de-holocausto,70003318494>. Acesso: 01 nov. 2020.

PODER360. Weintraub chama operação da PF de “noite dos Cristais brasileira”. *Poder 360*, 22 maio 2020b. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/weintraub-chama-operacao-da-pf-de-noite-dos-cristais-brasileira/>. Acessado em: 01 nov. 2020.

OAKESHOTT, Michael. *Sobre a história & outros ensaios*. Tradução Renato Rezende. Rio de Janeiro: Liberty Fund; Topbooks, 2003.

PODER360. Secretário da Cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento. *YouTube*. Brasília, 17 jan. 2020a. Vídeo (6 min 57 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ&t=5s>. Acesso em: 12 nov. 2020.

ROBIN, Régine. *A Memória Saturada*. Campinas: Unicamp, 2016.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

SARDINHA, Edson. Judeus se revoltam com comparações ao nazismo feitas por bolsonaristas: “Basta”. *Congresso em Foco*. Brasília, 30 maio 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/judeus-se-revoltam-com-comparacoes-ao-nazismo-feitas-por-bolsonaristas-basta/>. Acesso em: 06 dez. 2020.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SUGIMOTO, Luiz. Um mergulho no universo neonazista. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/28/um-mergulho-no-universo-neonazista>. Acesso em: 12 mar. 2020.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Corpo e Negacionismo: a Novilingua do Fascismo na Nova República, Brasil 2013/2019. *Locus - Revista de história*, v. 25, n. 2, p. 307-332, 2019.

TIME. *Jewish Boy Surrenders in Warsaw*. New York, 1943. Disponível em: <http://100photos.time.com/photos/jewish-boy-surrenders-warsaw>. Acesso: 01 nov. 2020.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

YAD VASHEM. The World Holocaust Remembrance Center. Jerusalem, 2020. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/>. Acesso em: 20 set. 2020.